

O CULTO DOS SANTOS E DAS RELÍQUIAS NA POLÍTICA DOS PRIMEIROS REIS PLANTAGENETAS

The cult of saints and relics in the politics of the first plantagenet kings

Edina Bozoky¹

Universidade de Poitiers

ORCID: 0000-0002-3230-7643

E-mail: edina.bozoky@univ-poitiers.fr

Tradução: Isadora Cristine Martins²

ORCID: 0000-0002-8921-7278

E-mail: isadora.cristine.martins@usp.br

Recebido em: 31/03/2022

Aprovado em: 01/06/2022

Resumo:

A veneração de santos e suas relíquias pelos primeiros Plantagenetas fez parte de sua política de construção do “Império” e da consolidação de limites territoriais. Em primeiro lugar, o interesse por certos cultos correspondia à busca pela legitimação dinástica através de um patrono celeste (Eduardo, o Confessor, Edmundo, Marçal e Valérie, a exumação das relíquias em Fécamp, a descoberta das tumbas de Arthur e Guinevere), ao passo que Thomas Becket se tornava rapidamente o novo patrono do reino. Algumas questões em relação às relíquias refletem a simbologia da transferência de poder (o roubo das relíquias de São Petroc de Bodmin, o caso da mão de São Tiago em Reading, o traslado das relíquias de São Valério). A presença de reis em importantes cerimônias de traslado de relíquias, ou suas visitas a santuários estão ligadas a sua política territorial (Monte São Michel, Rocamadour, Grandmont, o traslado de Santa Frideswida em Oxford, etc.) Finalmente, as relíquias da Terra Santa desempenharam papel importante na cruzada de Ricardo Coração de Leão. A ligação entre política e culto das relíquias explica-se pela crença na virtude presente materialmente nas relíquias, em que a posse e a exaltação do culto devem garantir a proteção celeste do reino.

Palavras-chave: Santos; relíquias; política.

Abstract:

First Plantagenêt kings' veneration of saints and their relics constitutes a part of their politics to construct the «empire» and to strengthen their territorial power basis. First, interest for certain cults fits in with the search for dynastic legitimisation by celestial patronage, while Thomas Becket has become the kingdom's new saint patron. Some relic affairs reflect symbolic of power's translation (Edward the Confessor, Edmund, Martial and Valerie, the elevation of relics at Fécamp, the discovery of Arthur and Guinevere's tombs at Glastonbury). Kings' presence at significant translation ceremonials or their visits to shrines are linked to their territorial politics (St. Michel's Mount, Rocamadour, Grandmont, and the translation of St. Frithswyth at Oxford). At last, relics played an essential role in Richard the Lionheart's crusade expedition. The link between politics and relics cult can be explained by the belief in the virtus materially present in relics; in which their possession and exalting by the cult had to grant celestial protection of the kingdom.

Keywords: Saints; relics; policy.

Para além de sentimentos propriamente religiosos, a devoção e o culto que os primeiros Plantagenetas prestavam aos santos e às relíquias se inseria em sua política de construção de ancestralidade dinástica: não apenas se tratava de uma busca para exaltar as alianças espirituais com os “mortos especiais” que são os santos, e que se tornam patronos e defensores da nova dinastia real, mas também de esforços para estabelecer a ancestralidade pelo sangue, uma ancestralidade dinástica com os auxiliares celestes. Paralelamente à edificação do Império Plantageneta, constituía-se a corte celeste, em que seus membros representavam apadroadamentos específicos para diferentes partes do Império.

A relação dos primeiros reis Plantagenetas com a Igreja foi objeto de numerosos estudos,³ mas o papel do culto dos santos e das relíquias em sua política não recebeu atenção até aqui. Ainda assim, apesar de viagens e guerras incessantes, Henrique II e Ricardo Coração de Leão manifestaram um interesse muito marcado em relação a certos santos e suas relíquias, ainda que seja difícil de distinguir, em sua atitude, a convicção religiosa pessoal da representação pública ligada ao exercício do poder.

Ancestralidade e apadroadamentos espirituais e dinásticos

Certas ligações de dois reis com os santos e as relíquias possuem uma clara conotação de *legitimação dinástica*. Primeiramente, as intervenções de Henrique II em favor da promoção do culto de Eduardo, o Confessor, revelam de forma exemplar como “o apadroadamento de um santo rei por um estrangeiro é um modo de legitimar uma nova realeza e de lhe dar fundamentos espirituais não negligenciáveis”.⁴ Último rei anglo-saxão, Eduardo († 1066) não inspirou um culto imediato; sua tumba na abadia de Westminster foi aberta em 1102, e ainda que seu corpo tenha sido encontrado intacto com as insígnias reais (coroa, anel, cetro), o relato de seu traslado, junto com sua Vida e seus Milagres, só foram redigidos por Osbert de Clare, prior de Westminster, em 1137.⁵ Em 1138, uma delegação apoiada pelo rei Étienne e seu irmão Henri de Blois, partiu para Roma para preparar a canonização do rei, mas empreitada não deu frutos antes do advento de Henrique II, que presta apoio em favor do papa Alexandre III contra o antipapa. Em seu pedido de canonização, Henrique II enfatiza que era do

mesmo sangue que Eduardo, e que essa glória deveria recair sobre a dinastia inteira.⁶ Em 1161, o papa publica a bula de canonização de Eduardo, em que ele relembra duas vezes o pedido do rei Henrique, assim como aquele da Igreja da Inglaterra, pela canonização.⁷ Eduardo foi o primeiro santo anglo-saxão canonizado por Roma: isso reforça a posição da abadia de Westminster frente ao poder episcopal. A ligação entre o novo culto oficial com o poder real é essencial. Inicialmente, a nova *Vida* redigida pelo cisterciense Aelred de Rievaulx (1163) foi dedicada à Henrique II⁸ com a intenção de lhe apresentar um modelo de vida (um “espelho”) real. A visão profética sobre a árvore dividida, depois reunida e, portanto, frutificada que o Rei Eduardo teve antes de sua morte é interpretada por Aelred como uma metáfora do advento de Henrique II, fruto da junção das linhagens reais normandas e inglesas.⁹ Na versão anglo-normanda da *Vida de Eduardo, o Confessor*, redigida por um religioso de Barking, a relação de ancestralidade entre Eduardo e Henrique é igualmente sublinhada:

Iceo set uncore
Engleterre Ki par
les sens fine sa
guerre Par le
gloius rei Henri
Ki de ceo saint lignage eissi...¹⁰

A data do traslado de Eduardo foi fixada pelo próprio Henrique II, em 13 de outubro de 1163. À abertura da tumba, o corpo de Eduardo ainda estava intacto. Durante a cerimônia de traslado, ele foi transportado em procissão por Henrique II e pelos notáveis do reino.¹¹ A partir daí, sabemos que o culto de Eduardo será particularmente valorizado pelo rei Henrique III, que também se dedicará à reconstrução da abadia.¹² Mas a canonização e o traslado solene entre 1161 e 1163 permitem que Henrique II estabeleça uma relação de continuidade com a realeza anglo-saxã, e que encontre um predecessor santo que estenderia sua proteção à nova dinastia. A relação entre Eduardo e Henrique II foi reforçada igualmente pelo poder taumaturgo que os dois detinham, ainda que ignoremos se o Plantageneta considerava Eduardo como o fundador do rito real de cura das escrófulas.¹³

De fato, no século XII, o reino da Inglaterra possuía já um patrono celeste anterior a Eduardo, que além de ser rei, era mártir: Santo Edmundo († 869 ou 870),

vítima da resistência anglo-saxã enfrentando os daneses, invasores da Anglia Oriental. Seu culto foi promovido por uma série de reis da Inglaterra, pertencentes a diversas dinastias, desde Aethelstan (925-939) até Guilherme, o Conquistador, passando por Knut, o Grande e Eduardo, o Confessor.¹⁴

Não é surpreendente, portanto, que os Plantagenetas tenham dado continuidade a essa tradição, notadamente Ricardo Coração de Leão, que dedicou uma devoção particular a Edmundo. Ele encaminhou-se duas vezes durante seu reinado à tumba do santo em Edmondsbury durante eventos decisivos: após sua coroação¹⁵ e antes de sua partida para a Cruzada.¹⁶ Ricardo fez igualmente importantes doações à abadia e nomeou o abade Samson como *justicier*. Em um relato de um milagre que aconteceu durante o reinado de Ricardo, Edmundo aparece como “o melhor intercessor pelo povo inglês” (*pro populis Anglorum optimus interventor*).¹⁷

Por sua vez, as relações dos primeiros Plantagenetas com os santos limusinos Marçal e Valérie constituem um dossiê muito complexo, refletindo os laços sutis entre política, ideologia e interesses econômicos, situados em um contexto em que a posição dos duques da Aquitânia era constantemente abalada por barões e vassallos insubmissos ou revoltosos. Sabemos, pela crônica de Geoffrey de Vigeois, que, em 1170, Ricardo Coração de Leão foi a Limoges para a investidura ducal, ocasião em que recebeu em seu dedo o anel de santa Valérie (anel conservado junto ao bispo de Limoges).¹⁸ Essa cerimônia não está documentada antes disso,¹⁹ e apenas a lenda hagiográfica da santa pode fornecer a explicação para essa ocasião envolvendo Ricardo Coração de Leão e o anel. O culto de Valérie está associado ao de São Marçal de Limoges, cuja hagiografia mais antiga, por sua vez, foi redigida em torno do ano de 800. Jovem moça convertida ao cristianismo por Marçal e depois decapitada por ter recusado-se a casar com um noivo pagão, ela teria miraculosamente apresentado sua cabeça a Marçal como testemunho de seu martírio (Fig. 1). Naturalmente, sob o efeito do choque, seu noivo teria, então, convertido-se ao cristianismo. Essa lenda teve uma difusão tendenciosa durante o século XII, o que poderia esclarecer o papel do anel de Valérie no ato da investidura ducal. Segundo a nova versão da lenda, Valérie era a filha de um certo Leocádio, *procurator*, da ancestralidade do próprio imperador (*ex ejus genere*), enviado à Gália por Augusto e depois nomeado governador dos galeses por Tibério. Este Leocádio estabeleceu-se na cidade de Limoges, na França, “que detinha a

preeminência entre as cidades gaulesas”,²⁰ e foi chamado de “duque” pelos gauleses. Dessa forma, Leocádio tornou-se o primeiro duque da região, portanto ancestral dos duques da Aquitânia.

Após sua morte, sua filha torna-se herdeira dessa tradição. Assim, as celebrações matrimoniais simbólicas dos duques da Aquitânia, Henrique II e, depois, Ricardo Coração de Leão, com Valérie, através de seu anel-relíquia, conferem uma legitimidade sacramental às suas investiduras.

Em contraposição, o santo “apostólico” de Limoges, São Marçal²¹ tornou-se o protetor celeste de Henrique, o Jovem, sob a instigação do visconde de Limoges, na ocasião de sua revolta contra o pai, Henrique II, e o irmão Ricardo. O contingente de habitantes do castelo de Limoges jurou, então, fidelidade a Henrique, o Jovem. O abade de Saint-Martial, Isembert, recusou-se a lhe jurar fidelidade e fugiu para La Souterraine; os habitantes do castelo devastaram o pomar da abadia de São Marçal e, quando Henrique II instalou seu acampamento na cidade, sob os muros do castelo, os monges, o clero e o povo, na presença do jovem rei, transportaram em procissão o relicário de ouro contendo a cabeça de São Marçal e outras relíquias. Além disso, as mulheres cercaram o castelo carregando chumaços de estopa, com os quais elas fabricaram velas com o objetivo de queimá-las na Igreja de São Marçal e em outros locais santos. Henrique II acabou por suspender o cerco, mas as taxas da guerra forçaram Henrique, o Jovem a apropriar-se do tesouro da abadia (inclusive o relicário de Santo Austriclien) e, depois, do tesouro de Grandmont e de numerosos outros mosteiros da região. Ele preparava-se para partir para Rocamadour para confiscar também o tesouro dali quando a doença o fez parar. Antes de morrer, ele pede a seu pai para que ele repare seus erros, em particular em relação a São Marçal, ordenando que os tesouros de sua abadia fossem restaurados e que seus olhos, seu cérebro e suas entranhas fossem depositados diante do santo.²² Não é difícil, portanto, identificar a mensagem religiosa implícita na crônica de Geoffrey de Vigeois: se Henrique, o Jovem, falhou em sua empreitada, foi porque feriu gravemente São Marçal.

Na Normandia, temos a exumação dos corpos dos dois duques da Normandia, Ricardo I e Ricardo II, de seus túmulos em Fécamp, e seu depósito atrás do altar da igreja de Trinité em 1162, na presença do rei Henrique II,²³ o que constitui o ato de legitimação do poder ducal pela exaltação da memória dos príncipes que atuaram em

favor da Igreja da Normandia. A ligação de ancestralidade entre Henrique e seus antecessores é enfatizada também pelo poema em l'*Histoire de l'abbayé de Fécamp*.²⁴ Os diplomas de salvaguarda foram publicados pelo rei para os fiéis que vieram para a cerimônia.²⁵ Nessa ocasião, houve também o traslado de outros corpos santos,²⁶ que assegurariam, de certa maneira, a santificação dos corpos dos dois duques.²⁷ Deve-se também ressaltar que, segundo as fontes medievais, nessa época, o abade de Fécamp, Henrique de Sully, era primo do rei, o que é também destacado em l'*Histoire del'abbayé de Fécamp*.²⁸ Após estes traslados, a abadia sofre um incêndio em 1167, e, enquanto a igreja era reconstruída, a relíquia do Sangue Sagrado foi reencontrada²⁹ e posteriormente depositada no muro da igreja, no mesmo ano em que Thomas Becket sofreu seu martírio em Canterbury.³⁰ Em outra coincidência significativa, a “invenção” dessa relíquia – um processo habitual nas reconstruções de igrejas – deveria servir para lembrar as ligações da relíquia com a família ducal normanda para a audiência que estava familiarizada com a lenda do Sangue Sagrado de Fécamp; de fato, foi o duque Ricardo I que selou, nos muros da igreja, a metade do tronco de figueira que encerrava o Sangue Sagrado.

Não podemos omitir a descoberta da tumba do Rei Arthur e da Rainha Guinevere, uma invenção profana, mas que sucede uma série de invenção de corpos santos na abadia de Glastonbury, depois de um incêndio ocorrido em 1184. Para reconstruir o monastério, o Rei Henrique II reitera o valor das relíquias e os privilégios da abadia por meio dessa relação de posse. A isso, segue-se a retirada de várias relíquias de suas tumbas e seu traslado para relicários: Patrick, Intradct de Glastonbury e seus companheiros, Brigitte, Gildas e Dunstan.³¹ Alguns anos mais tarde, provavelmente em 1191, a tumba de Arthur e Guinevere foi encontrada. Segundo certos autores medievais, as buscas para descobrir as tumbas foram iniciadas sob instigação de Henrique II.³² No que concerne à importância da descoberta, os interesses dinásticos são evidentes: por um lado, tratava-se de estabelecer uma ligação com o passado heróico celta, mas provavelmente também de calar a crença na possibilidade de sobrevivência e possível retorno de Arthur.³³

Traslado de relíquias – transferência de poder

Se nos voltarmos para a Bretanha, encontramos ali um curioso caso de roubo de relíquias, as de São Petroc (século VI; fundador do monastério de Bodmin, na Cornualha), que acaba se tornando uma verdadeira questão de estado. Um cônego regular de Bodmin, chamado Martin, roubou as relíquias de São Petroc em 1177 e levou-as para a Armórica, em função de uma vingança pessoal. Segundo o relato detalhado do roubo, Martin apresentou-se com as relíquias diante de Roland de Dinan, juiz da Bretanha e visconde de Geoffrey III (por sua vez, conde da Bretanha desde 1175). Para justificar seu ato, Martin desenvolveu uma argumentação política elaborada: ele esforçou-se em persuadir o juiz de que ele havia trazido consigo para a Bretanha o “príncipe” dos santos da Cornualha para “o gozo e pelo crescimento da honra de seu senhor, o conde da Bretanha. Porque a Cornualha (américana) estava sob o poder desse conde, ele confiava o ‘príncipe’ dos santos deste país, São Petroc, à autoridade do conde em Saint-Méen.” Para finalizar, ele afirmou que, se o corpo do santo confessor fosse guardado em segurança ali, toda a Cornualha se submeteria em seguida ao conde da Bretanha, filho do rei da Inglaterra.³⁴ Assim, Martin gostaria que Roland de Dinan retivesse as relíquias na Armórica “pela saúde de toda a pátria” (*pro salute tocius patrie*) e que ele impedisse que elas fossem recuperadas. Seu estratagema funcionou apenas por um tempo: o prior de Bodmin dirige-se diretamente a Henrique II, para que ele interceda na recuperação das relíquias. As relíquias foram recuperadas graças ao esforço do rei Plantageneta, apesar da resistência do abade de Saint-Méen, e foram devolvidas a Bodmin (o relicário coberto de placas de mármore, confeccionado na ocasião da devolução das relíquias de São Petroc ainda está conservado na cidade - Fig. 2). Em seu caminho de volta, as relíquias foram veneradas na corte de Henrique II em Winchester.³⁵ Podemos perguntar-nos se havia, na época, ligações específicas entre Bodmin e a abadia de Saint-Méen e, sobretudo, por que o ladrão das relíquias teve a intenção de levar o corpo de Saint Petroc precisamente para Saint-Méen. Deve-se sublinhar que o fundador da abadia, São Mewan, era parente de São Sansão, que possuía ligações com São Petroc.³⁶ Além disso, o título dos condes da Bretanha continha efetivamente a precisão “da Cornualha”. A argumentação do cônego ladrão, mesmo que servisse para mascarar sua perfídia, mostra como a posse de

reliquias estava ligada ao conceito de poder na mentalidade da época, e como a transferência de relíquias significava a transferência de poder.

Os interesses em torno da relíquia da mão de São Tiago, filho de Zebedeu, refletem igualmente as questões de poder. Em 1157, os embaixadores de Henrique II apresentaram uma carta a Frederico Barba Ruiva em que aparece uma menção à relíquia da mão de São Tiago, que aparentemente o imperador teria desejado recuperar, mas que o rei da Inglaterra não possuía nenhuma intenção de deixar sair de seus domínios. Com efeito, sabemos que essa relíquia, que pertencia ao tesouro do imperador Henrique V († 1125), foi herdada por sua esposa Matilda – filha de Henrique I – que retornou à Inglaterra trazendo uma quantidade de bens preciosos consigo, dentre os quais a mão de São Tiago.

Segundo os *Annales de Disibodenberg*, a rainha causou, por conta disso, uma pena irreparável ao reino dos Francos.³⁷ A importância dessas relíquias provém de sua raridade: trata-se, afinal, dos restos mortais de um apóstolo. Pouco depois, a mão foi doada à abadia real de Reading, fundada por Henrique I.³⁸ A relíquia permanece ali: Henrique II favorece a irradiação da abadia instituindo-lhe um mercado de três dias em torno da festa do santo,³⁹ e Thomas Becket atribui uma indulgência à peregrinação até o local.⁴⁰ Se Ricardo Coração de Leão despoja o relicário da mão de São Tiago por conta das taxas ocasionadas pela cruzada, João sem Terra ameniza os danos da abadia instituindo-lhe um novo rendimento (1 marco de ouro).⁴¹

O incidente que Ricardo Coração de Leão teve com os monges de Saint-Valéry (atualmente no departamento de Somme), carrega em si igualmente toda a simbologia de um traslado de poder. Em 1197, Ricardo toma conhecimento de que navios ingleses iam regularmente ao porto de Saint-Valéry com a finalidade de aprovisionar o rei da França. Para fazer cessar esse comércio, ele leva a cabo uma expedição punitiva, ateando fogo aos navios e ao burgo, perseguindo monges e fazendo com que as relíquias célebres de Valéry passassem para o seu próprio domínio, na Alta Normandia, no monastério que recebeu o nome de Saint-Valéry-en-Caux.⁴² Este traslado forçado pode ser compreendido em sua totalidade à medida que sabemos que dois episódios célebres estão atrelados ao poder das relíquias de Saint-Valéry; por um lado, a profecia do santo, uma lenda fabricada no século XII, predizendo a ascensão de Hugo Capetíngio ao trono real francês e o reinado de seus sucessores durante sete gerações.

Por outro lado, a exposição de Valéry, em 1066, na beira do mar para levar ventos favoráveis antes da partida de Guilherme, o Bastardo, para a Inglaterra. Este segundo evento, descrito por Guilherme de Poitiers, possuía também importância particular para a história da dinastia Plantageneta, de modo que recebeu atenção no *Roman de Rou* de Wace, escrito sob a instigação de Henrique II.

Novos patronos dinásticos

O assassinato de Thomas Becket em 1170 e a gênese quase instantânea de seu culto constituem uma mudança de maré no cerne do reinado de Henrique II. O evento político, suas consequências, a renomada santidade e a rápida canonização do mártir são bem conhecidas. Por nossa perspectiva, parece, no entanto, necessário ressaltar alguns aspectos da atitude de Henrique II frente ao novo culto, assim como a interpretação que os historiadores ou hagiógrafos medievais fazem dela. Qualquer que seja o julgamento sobre a responsabilidade de Henrique no assassinato, sua penitência solene sobre a tumba de Thomas Becket (1174) o absolve e, com um retorno surpreendente, logo o poder real dos Plantagenetas se coloca sob sua proteção e goza imediatamente de seus favores.⁴³ Os primeiros milagres que os historiadores da época atribuem à intercessão de Thomas Becket é a vitória das tropas reais sobre o rei da Escócia,⁴⁴ assim como o impedimento da frota de Henrique, o Jovem, de atravessar o Canal da Mancha e atacar a Inglaterra,⁴⁵ imediatamente depois da penitência do rei Henrique II. Como Guernes de Pont-Sainte-Maxence escreve em seu poema sobre a vida de São Thomas Becket:

Or ad Deus parduné al rei sun
maltalent. Car en cel jur maïme
qu'il fist l'amendment,
Parti li quens de Flandres de la mer
od sa gent, Qui voleit Engleterre del
tut metre a neent ; Pris fu li reis
d'Escoce Lendemain ensement.⁴⁶

Por conseguinte, o rei agradece a Thomas Becket por seus sucessos políticos, na medida em que ele acolhe soberanos sob sua tumba: assim, em 1176, após sua

reconciliação com o filho Henrique, o Jovem, pai e filho direcionam-se à tumba do santo: em 1177, o conde de Flandres Philippe da Alsácia vai à tumba em peregrinação com o propósito de encontrar o rei, que lhe dá a permissão de partir para Jerusalém.⁴⁷ Em 1178, após se tornar mestre de todas as fortificações continentais, ele volta a visitar a tumba do santo; depois, em 1179, enquanto o rei da França Luís VII visita a tumba de Thomas para rezar, Henrique II acolhe-o sumptuosamente desde sua chegada em Douvres, depois na catedral de Canterbury, onde reuniu-se uma assembleia com o alto clero, o clero, a aristocracia e o povo.⁴⁸ Em 1190, graças a uma intercessão milagrosa de Thomas Becket, aparecido em companhia de Santo Edmundo e São Nicolas, a frota de Ricardo Coração de Leão, partindo para a cruzada, evita o naufrágio no mar da Espanha.⁴⁹ Em seu retorno do cativo, Ricardo entrega-se em Canterbury antes de entrar em Londres.

A reconstrução da igreja de Canterbury após um grave incêndio em 1174, assim como a difusão massiva e rápida das relíquias do Thomas Becket, contidas em relicários de esmalte limusino – são cinquenta relicários conhecidos⁵⁰ – testemunham a grandeza desse novo culto [Fig. 3]. Marie-Madeleine Gauthier pergunta-se, em um de seus estudos recentes sobre a obra de Limoges, se “os reis, rainhas e príncipes da linhagem Plantageneta não teriam perpetuado o ato memorável de penitência a que o Henrique II se entrega em 1173, antes da canonização do santo primaz da Inglaterra, oferecendo suas relíquias em relicários feitos com a técnica de esmaltação de Limoges às igrejas fiéis tanto a Roma quanto ao seu soberano?”⁵¹

Uma impressionante imagem do apadramento dinástico dos Plantagenetas aparece no *Évangélaire* de Henrique V do Sacro-Império Romano Germânico (entre 1185-1188), duque da Saxônia e da Baviera, sob a miniatura que representa sua coroação com sua esposa Matilda, filha de Henrique I. Abaixo dos membros da família da princesa Matilda – dentre os quais, Henrique II, seu filho – está figurado, em companhia de outros santos dinásticos, o bispo mártir São Thomas Becket.⁵²

O encorajamento do culto de Étienne de Muret por Henrique II⁵³ constitui talvez um contraponto ao culto de Thomas Becket. Em 1170, na ocasião de seu grave adoecimento, o rei anuncia seu desejo de ser enterrado em Grandmont,⁵⁴ aos pés de Étienne de Muret. Da mesma forma, Henrique II e alguns senhores franceses solicitam a canonização de Étienne de Muret, que começa na época de Urbano III e só se

concretiza em 1189. Na bula de canonização, o papa destaca, em primeiro lugar, a intervenção de Henrique II em favor do culto de Étienne.⁵⁵ Sabemos que a construção dos edifícios em Grandmont foi financiada por Henrique II e Ricardo I, mas não resta nada desses monumentos.⁵⁶ Somente o magnífico relicário do santo, fabricado para seu traslado, e conservado hoje na Igreja de Ambazac (Alta Viena), testemunha a importância deste novo culto: ele representa a Jerusalém celeste em forma de basílica, decorada de motivos de vegetação paradisíaca e de pedrarias montadas em cabochão.⁵⁷
[Fig. 4]

As relíquias e a territorialidade do poder

Fora os cultos de interesse propriamente dinástico e do lugar especial atribuído a Thomas Becket, Henrique II e Ricardo Coração de Leão atuam na irradiação de um grande número de santuários. Suas peregrinações, assim como sua presença em consagrações de igrejas, possuíam uma conotação política mais ou menos marcada, mas inegável, e serviam igualmente para a marcação territorial de seu poder. Um dos santuários mais honrados por Henrique II era o de Monte Saint-Michel, onde o enquadramento estratégico e simbólico é evidente e onde o abade, Robert de Thorigny, possuía ligações de amizade com o rei. Em 1158, na festa de São Michel, após o conde de Redon, Conan, ter entregado ao rei Henrique II a cidade de Nantes e o condado, o rei foi ao monastério para assistir à missa, fez a refeição com os monges e seus barões e doações à abadia, e depois partiu para Pontorson para definir a reedificação do castelo. No mesmo ano, na festa de São Clemente, a abadia foi o ponto de encontro entre Henrique II e Luís VII⁵⁹. Uma terceira vez, em 1166, Henrique II retornou à abadia do Monte São Michel para a posse do ducado da Bretanha.

A peregrinação de Henrique II em 1170 ao santuário de Rocamadour,⁵⁸ após um sério adoecimento, nos confins de Quercy, dependente do viscondado de Turenne (Limousin), toma a forma de uma verdadeira demonstração armada, uma marcação territorial: “vindo a este lugar para rezar, o rei Henrique, por aproximar-se das terras de seus inimigos e tendo reunido uma multidão de homens de armas, assim como cavaleiros e soldados de infantaria, vem rezar protegido como se estivesse vindo para a guerra...”.⁵⁹ Sem querer minimizar a motivação religiosa do rei, podemos pensar que

ele escolheu o lugar para expressar sua devoção à Deus igualmente por razões políticas: a região do Quercy só foi conquistada pelo rei em 1159, e constituía um território estratégico entre a Aquitânia e as posses do condado de Toulouse.⁶⁰

Henrique II também honra o abade de Reading em 1164, na ocasião da consagração da igreja de Sainte-Marie.⁶¹ No mesmo ano em que Henrique II estabeleceu cónegos regulares em Sainte-Croix de Waltham (1177), uma invenção miraculosa de relíquias ocorreu perto de Saint-Albans, onde um anjo (ou, segundo Matthieu Paris, o próprio Santo Albano) instrui um habitante a recuperar os restos de Santo Anfílab, mestre espiritual de Santo Albano, esquecidos sob a terra desde seu martírio.⁶² O traslado solene das relíquias (sem que saibamos se o rei tivesse contribuído para o evento) na igreja de Saint-Albans serviu para aumentar o prestígio desta abadia. Três anos mais tarde, em 1180, Henrique II toma a iniciativa de fazer o traslado solene do corpo da Santa Frideswida (em inglês Frithswyth) em Oxford. Segundo o prólogo do Livro dos Milagres desta santa, redigido pelo prior Philippe pouco depois do traslado, o rei Henrique convocou o arcebispo de Canterbury, quatro outros bispos, muitos clérigos e grandes magnatas de todas as regiões da Inglaterra para efetuar o traslado.⁶³

Da mesma forma, em 1166, Henrique II esteve presente na igreja de Saint-Serge em Angers, na ocasião do traslado do corpo de São Briec. Uma nota atesta sua participação na cerimônia.⁶⁶ Além do fato de Henrique II ser conde de Anjou, não se deve também esquecer que São Briec (século VI) teria tecido relações entre a Gália e a Bretanha insular, uma vez que ele teria evangelizado o País de Gales e as Cornualhas.⁶⁷ – Na Normandia, em 1178, Henrique leva consigo seu filho Ricardo para prestar assistência na consagração da igreja de Bec. – Em Limousin, país de larga importância para sua situação, o interesse manifesto por Henrique II por Grandmont é tanto religioso quanto político. Ele utiliza o monastério como lugar de encontros políticos: lá, ele recebe a visita do conde de Toulouse em 1167, assim como a homenagem dos cavaleiros e dos barões do condado de Marche, que ele desejava adquirir em 1177. Todas essas participações e intervenções nos cultos de santos e relíquias se explicam em parte pelas necessidades políticas: Henrique II foi responsável por estabelecer uma rede de suportes eclesiásticos, tanto através de novas fundações, quanto pela confirmação ou atribuição de privilégios às instituições eclesiásticas. De

um ponto de vista propriamente religioso, deve-se pensar igualmente que, depois do crescimento fulgurante de Thomas Becket, o encorajamento de novos cultos e a glorificação de cultos já antigos seriam essenciais para o equilíbrio das questões de poderes (laicos e eclesiásticos) e dos ideais subjacentes.

Além de seus próprios territórios, Henrique II desempenha igualmente certo papel em uma canonização ligada a sua política exterior: a de Carlos Magno, alcançada sob o impulso de Frederico Barba Ruiva e seu chanceler Rainald de Dassel. O procedimento culmina na autorização do culto pelo antipapa Pascal em 1165. No documento do imperador, datado de 8 de janeiro de 1166, expressa-se a “insistente requisição de nosso mui caro amigo Henrique, ilustre rei da Inglaterra” para proceder com a canonização de Carlos Magno.⁶⁴ Sabemos que a elevação de Carlos Magno ao status de santo reforçava o prestígio de Frederico Barba Ruiva, considerado por muitos como o sucessor do grande imperador, estabelecendo entre ele e Carlos Magno uma continuidade pelo menos espiritual. Mas o contexto político esclarece igualmente a carga do evento e os interesses que Henrique II poderia ter na canonização. Na ocasião, o imperador opunha-se ao Papa Alexandre III, e Henrique II, por conta de seu conflito com Thomas Becket, permanece do lado do antipapa.⁶⁵

Aquisições de relíquias emblemáticas

Gostaria de terminar esta comunicação evocando a terceira cruzada, em que um dos objetivos era a recuperação da Santa Cruz de Jerusalém, garantia das cruzadas desde 1099 e perdida por Guy de Lusignan na batalha de Hatim.⁶⁶ Sabemos que, nas negociações entre Ricardo Coração de Leão e Saladino, a questão da posse da Cruz figurava como uma das prioridades. Ainda que Ricardo não tenha podido recuperar a Cruz do Santo Sepulcro, ele conseguiu adquirir a *Crux Syriorum*, nas proximidades de Jerusalém, na capela de Elias.⁶⁷ Segundo Ambrósio, o abade da capela de Elias teria escondido a relíquia em 1187 e não teria revelado o relicário a Saladino, apesar de ter sido submetido à tortura.

Ricardo faz exaltar a cruz adquirida diante de seu exército.⁶⁸ No entanto, Roger de Wendover e Matthieu de Paris relatam um evento mais notável protagonizado por

Ricardo Coração de Leão: a aquisição das relíquias da Terra Santa que Saladino, após a conquista de Jerusalém, teria desejado levar até Bagdá. Segundo o relato, após Guy de Lusignan, rei de Jerusalém, ter sido capturado com a Santa Cruz na batalha de Tiberíades, os habitantes de Jerusalém teriam rendido-se a Saladino. Os mais ricos redimem-se para poder deixar a cidade; os menos favorecidos reúnem e oferecem cruzes de ouro e de prata, cálices, relicários e ornamentos da Igreja, inclusive os adornos do Santo Sepulcro. "Os habitantes reúnem, dessa forma, todas as relíquias de santos que podem encontrar nos locais sagrados e as depositam em quatro grandes baús de marfim. Saladino, tendo notado este feito em meio ao saque da cidade, quis saber o que continham, e ordenou em seguida que os baús fossem transportados a Bagdá e entregues ao califa, para que os cristãos não se glorificassem mais sobre ossos de mortos e para que eles não mais imaginassem que possuíam intercessores celestes naqueles cujos ossos eles veneravam em terra." Mas o príncipe da Antioquia, o patriarca e outros fiéis expressam seu desejo de comprar as relíquias por 50.000 besantes; esperando arrecadar essa soma, o príncipe da Antioquia recolhe as relíquias. No entanto, a quantia não foi arrecadada no prazo acordado, e é assim que Ricardo Coração de Leão, tomando conhecimento da situação, "paga a Saladino pelas relíquias, promessas sagradas que ele guarda piedosamente, afim de que os santos cujos ossos ele havia comprado em terra das mãos de infiéis e ímpios servissem para a salvação de sua alma através de suas orações no céu. O baú que as continha era de tal capacidade e peso que para suportá-lo apenas um pouco era preciso quatro homens".⁶⁹ Esses eventos não figuram nas fontes contemporâneas, e a sorte dessas relíquias permanece um pouco obscura, afora uma menção nos *Annales du monastère de Battle*, em que há uma referência da doação pelo rei João sem Terra de uma "parcela do Santo Sepulcro", que teria sido trazida "junto de outras relíquias" por seu irmão Ricardo.⁷⁰

O escopo desse mercado de relíquias - provavelmente lendário - é claro: todos os protagonistas atribuíram grande importância a sua posse enquanto promessas de apoio sobrenatural e auxiliares do poder terrestre. Ao adquirir as relíquias, Ricardo, além de, por um lado, liberar a Terra Santa, figura como aquele que salvou a quintessência dos objetivos da cruzada, um "concentrado" da Terra Santa materializado pelas relíquias que ainda restavam (a maioria encontrava-se em Constantinopla desde muito tempo.)

Como resultado deste estudo - longe de ter exaurido o tema -, podemos constatar que a participação no culto dos santos e das relíquias dos primeiros Plantagenetas possuía uma função particular na legitimação dinástica, na consolidação de suas bases territoriais e, de maneira mais geral, em seu exercício de poder, como era o caso com outros soberanos da época. A crença na *virtus* presente em um corpo santo, partilhada pelo povo e pela elite, fazia-os considerar a si mesmos como garantidores do bem-estar do reino. Ao tecer ligações privilegiadas com certos santos, e ao participar da exaltação de cultos em diferentes partes do "império", os reis Plantagenetas confiavam na confirmação sagrada de seu poder.

Anexos

EDINA BOZOKY

PLANCHE V



Fig. 1. — Châsse de sainte Valérie, Limoges, Musée de l'Évêché.

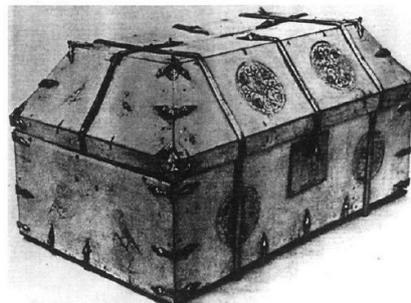


Fig. 2. — Châsse de saint Pétroc, église paroissiale de Bodmin (Cornwall).



Fig. 3. — Châsse de Thomas Becket, Limoges, Musée de l'Évêché.

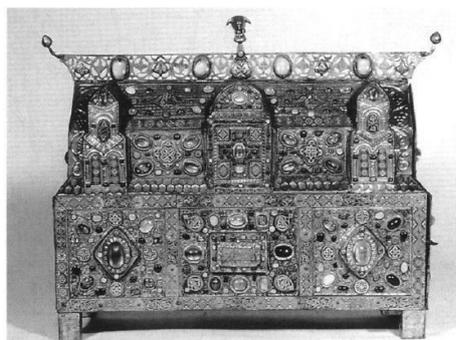


Fig. 4. — Châsse d'Étienne Muret, église d'Ambazac (Haute-Vienne).

Figura 1 – Relicário de Santa Valérie, Limoges, Musée de l'Évêché

Figura 2 – Relicário de São Petroc, igreja paroquial de Bodmin (Cornualha) **Figura 3** – Relicário de Thomas Becket, Limoges, Musée de l'Évêché **Figura 4** – Relicário de Étienne de Muret, Igreja de Ambazac (Alta Viena)

Bibliografia

AMBROISE, *L'Estoire de la guerre sainte*, v. 10089-10139, Paris: G. Paris, 1897.

BETHELL, D. « The Making of a Twelfth-Century Relic Collection », *Studies of Church History*, 8, 1972, p. 61-72.

BINSKI, P. **Westminster Abbot and the Plantagenets. Kingship and the Representation of Power. 1200-1400**. New Haven/Londres: Yale University Press, 1995.

Bulletin de la Société archéologique du Limousin, XXXII, p. 141). Cf. RICHARD, A. **Histoire des comtes de Poitou. 778-1204**, t. II, Paris, 1903, pp. 113-114 e 151-152.

BLOCH, M. La vie de S. Édouard le Confesseur par Osbert de Clare. **Analecta Bollandiana**, 41, 1923.

BLOCH, M. **Les rois thaumaturges**. Paris: Gallimard, 1983 (Primeira ed. 1924).

CASSARD, J.-Ch. Arthur est vivant! Jalons pour une enquête sur le messianisme royal au moyen âge. **Cahiers de Civilisation Médiévale**, 32, 1989, p. 135-146.

Cronica Buriensis. in: ARNOLD, Th. **Memorials of St. Edmund's Abbey**, t. III, 1020-1346.

DE PONT-SAINTMAXENCE, G. **La Vie de Saint Thomas le martyr**, éd. E. WALBERG, Lund-LondresOxford-Paris-Leipzig, 1922, p. 205, v. 6061-6065 ; trad. en fr. moderne par J.-G. GOUTTEBROZE, A. QUEFFELEC, Paris, Champion, 1990.

GAUTHIER, M.-M. L'Espagne, reconquêtes et pèlerinages de 1 Oeuvre de Limoges. In: **L'Oeuvre de Limoges**. Art et histoire au temps des Planiagenêis. Actes du colloque organisé au musée du Louvre par le Service culturel les 16 et 17 novembre 1995, sous la dir. de D. GABORIT-CHOPIN et E.

Catalogus codicum hagiographicorum latinorum Bibliothecae Nationalis Parisiensis, saeculo XVI, t. II.

Cronica Buriensis. in: ARNOLD, Th. **Memorials of St. Edmund's Abbey**, t. III, 1182.

- DE HOWEDEN, R. **Chronica**, ed. W. STUBBS, t. III, (Rolls Series, 51), 1868-71.
- DE DICETO, R. **Ymagines Historiarum**, éd. W. STUBBS, Londres, 1868-1871 (Rolls Series, 68), 1.
- DOBLE, G. H. **The Saints of Cornwall**, t. IV, Oxford, 1965
- FOREVILLE, R. **L'église et la royauté en Angleterre sous Henri II Plantagenêt (1154-1189)**. Paris, 1943.
- FOREVILLE, R. Mort et survie de saint Thomas Becket. **Cahiers de Civilisation Médiévale**, 14, 1971, p. 21-38.
- FOLZ, R. **Les saints rois du Moyen Âge en Occident (VIe-XIIe siècles)**, Bruxelles: Société des Bollandistes 1984.
- FOLZ, R. Naissance et manifestation d'un culte royal: saint Edmond, roi d'Est Anglie. in: FESTSCHRIFT, H.
- Löwe, **Colônia e Viena**, 1978, pp; 226-246; ARNOLD, Th. **Memorials of St Edmund's Abbey**. Londres, 1890-1893, 3 vol. (Rolls Series, 96).
- FOLZ, R. **Le souvenir et la légende de Charlemagne dans l'Empire germanique médiéval**. Paris: Belles Lettres, 1950.
- Gesta Henrici II et Ricardi regum**, éd. W. STUBBS, t. 1.
- GEOFFROY DE VIGEOIS, **Chronica**, éd. Ph. LABBE. Paris, 1656
- GIRAUD LE CAMBRIEN, **De principis instructione**, éd. J. S. BREWER et alii, Londres, 1861-91t (Rolls Series, 21), t. VIE.
- GOUTTEBROZE, Jean-Guy. **À l'origine du culte du Précieux Sang de Fécamp, le Saint Voulte de Lucques**. Tabularia [En ligne], Guillaume de Volpiano: Fécamp et l'histoire normande, mis en ligne le 10 juillet 2002, consulté le 19 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/tabularia/1676>
- GROSJEAN, P. (Ed.). De corpore sancti Petroci fur et restituto. « Vie et miracles de S. Petroc », **Analecia Bollandiana**, 74, 1956, p. 174-188.
- JOHN OF GLASTONBURY. **The Chronicle of Glastonbury Abbey**, éd.-trad., étude de J. P. CARLEY, The Boydell Press, 1985.
- KEMP, B. R. **Reading Abbey Cartularies**. Londres: Offices of the Royal Historical Society, University College of London, 1986, n° 5; n° 28; n° 46.

- LANDES, R. **Relics, Apocalypse, and the deceptions of history. Ademar de Chabannes, 989-1034**, Cambridge, Mass., Londres: Harvard University Press, 1995.
- LEYSER, K. J. Frederic Barbaross, Henry II and the hand of SL. James. In: **Medieval Germany and its Neighbours. 900-1250**, The Hambledon Press, 1982.
- LIBERMANN, F. (ed.). **Annales monasterii de Bello**, Ungedruckte Anglo-normannische Geschichtsquellen, Strasbourg, 1879 (réimp. 1966).
- LIVERANI, F. (ed.). **Spicilegium Liberianum**. Florença, 1863.
- Monasticon Anglicanum**, t. III.
- MASON, E. Rocamadour in Quercy above all other churches : the healing of Henri II. **Studies in Church History**, 19, 1982, p. 39-54.
- MGH. **Diplomata regum et imperatorum Germaniae**, X/2, n° 502, p. 432-433: sedula petitione karissimi amici nostri Heinrici illustris regis Anglie...
- MATTHIEU PARIS. **Chronica majora**, éd. H. R. LUARD, Londres, 1874, (Rolls Series, 57), t. II.
- OMONT, H. Invention du Précieux Sang dans l'église de l'abbaye de Fécamp au XIIe siècle, **Bulletin de la Société de Histoire de Normandie**, 12, 1913-1918.
- RAHEWIN, Gesta Friderici I. **Imperatoris**, éd. G. WAITZ, Hanovre, 1884.
- RIEVAUX, Aelred de. **Vita s. Edwardi regis et confessoris**. PL 195, col. 737-740.
- RICHARD, A. **Histoire des comtes de Poitou. 778-1204**, t. II, Paris, 1903.
- ROGER DE WENDOVER, **Flores historiarum**, éd. G. HEWLETT, Londres, 1886 (Rolls Series 84/1).
- SCHOLTZ, B. W. The Canonization of Edward the Confessor. **Speculum**, 36, 1961, p. 38-60.
- SÖDERGARD, Ö de. (Ed.). **Vie d'Édouard le Confesseur**. Uppsala, 1948.
- Valérie et Thomas Becket. **De l'influence des princes Plantagenêts dans l'oeuvre de Limoges** (exposition Limoges, 1999), Limoges : Ville - Musée, 1999.
- TABURET-DELEHAYE, Paris, **La Documentation française et Musée du Louvre**, 1998.
- WOOD, Ch. T. **Fraud and its Consequences: Savaric of Bath and the Reform of Glastonbury**. In: RADFORD, C. A. R., ABRAMS, L., & CARLEY, J. P. **The Archaeology and History of Glastonbury Abbey**. Essays in honour

of the ninetieth birthday of C. A. Raleigh Radford. Woodbridge, Suffolk:
The Boydell Press, p. 273-283, 30.

WACE. **Roman de Brut**. In: BAUMGERTNER, E. **La geste du roi Arthur**. Paris, 1993
(coll. 10/18, « Bibliothèque médiévale »).

Notas

¹ Professora titular da Universidade de Poitiers e integrante do CESCUM (Centre d'études supérieures de civilisation médiévale). Referência original: BOZOKY, Edina. Le culte des saints et des reliques dans la politique des premiers rois Plantagenêt. In: AURELL, Martin (Ed.). **La cour Plantagenêt (1154-1204)**. [Actes du Colloque tenu à Thouars du 30 avril au 2 mai 1999] Poitiers: Centre d'études supérieures de civilisation médiévale, 2000. pp. 277-291. (Civilisation Médiévale, 8).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, integrante dos grupos Labora-USP (Laboratório de Estudos e de Reprodução de Textos Relacionados ao Pensamento e Cultura da Idade Média) e Insulae. E-mail: isadora.cristine.martins@usp.br

³ Mencionamos a monografia de FOREVILLE, R. **L'église et la royauté en Angleterre sous Henri II Plantagenêt (1154-1189)**. Paris, 1943.

⁴ FOLZ, R. **Les saints rois du Moyen Âge en Occident (VIe-XIIe siècles)**, Bruxelles: Société des Bollandistes 1984, p. 139.

⁵ Cf. BLOCH, M. La vie de S. Édouard le Confesseur par Osbert de Clare. **Analecta Bollandiana**, 41, 1923, p. 5-131.

⁶ LIVERANI, F. (ed.) **Spicilegium Liberianum**. Florença, 1863, p. 631.

⁷ AASS. Ian. I, pp. 303-304. Cf. também: B. W. Scholtz. The Canonization of Edward the Confessor. **Speculum**, 36, 1961, p. 38-60.

⁸ RIEVAUX, Aelred de. **Vita s. Edwardi regis et confessoris**. PL 195, col. 737-740: *Hujus vitam miraculis insignem... tibi, gloriosissime rex Henrice, credidi destinandam. [...] Imitanda enim est tanti regis tanta justitia; mirari dulce est in tot divitiis et deliciis tanta continentia: de sancta ejus progenie traxisse carnem originem, Henrici nostri specialis est gloria. [...] Nunc autem, rex illustrissime, qui tanti patris regnum duplici jure sumpsisti, de cujus patre simul ac matre regnum ac generosum sanguinem meruisti; ejus te precibus crebro commendes, ejus re sedulo protectioni committas, imitari quoque satagas ejus sanctitatem, ut aeternam cum eo obtineas felicitatem.*

⁹ idem, col. 773-774: *Accessit ad radicem arbor, quando gloriosus rex Henricus in quem totum regni decus transfusum est, nulla necessitate cogente, nulla spe lucri urgente, sed ex infuso ei amoris affectu abneptem Edwardi Mathildem duxit uxorem, semen regum Normannorum et Anglorum conjungens, et interveniente opere conjugali de duobus unum faciens. Floruit sane arbor, quando de utroque semine imperatrix Mathildis processit. At tunc fructum fecit, quando de ipsa noster Henricus velut lucifer matutinus exoriens, quasi lapis angularis utrumque populum copulavit.*

¹⁰ SÖDERGARD, Ö de. (Ed.). **Vie d'Édouard le Confesseur**. Uppsala, 1948, v; 105-108.

¹¹ AASS. Ian. I, pp. 303-304.

¹² BINSKI, P. **Westminster Abbot and the Plantagenets. Kingship and the Representation of Power. 1200-1400**. New Haven/Londres: Yale University Press, 1995.

¹³ Cf. BLOCH, M. **Les rois thaumaturges**. Paris: Gallimard, 1983 (Primeira ed. 1924), p. 41.

¹⁴ FOLZ, R. Naissance et manifestation d'un culte royal: saint Edmond, roi d'Est Anglie. in: FESTSCHRIFT, H. **Löwe, Colônia e Viena**, 1978, pp; 226-246; ARNOLD, Th. **Memorials of St Edmund's Abbey**. Londres, 1890-1893, 3 vol. (Rolls Series, 96).

¹⁵ Cronica Buriensis. in: ARNOLD, Th. **Memorials of St. Edmund's Abbey**, t. III, p. 7 : [1182]... *rex Ricardus post coronationem suam sanctum Edmundum orationis causa devotus expetiit, et cum oblatione sua otulit sanctissimo regi et martyri redditum XV. marcarum ad inveniendum duos cereos qui jugiter ardeant diebus ac noctibus circum corpus sanctissimi regis.*

¹⁶ **Monasticon Anglicanum**, t. III, pp. 104-105.

¹⁷ **Memorials of St. Edmund's Abbey**, t. I, p. 372.

¹⁸ [nota 16 no artigo]

¹⁹ Segundo a crônica de Saint-Étienne de Limoges, redigida no fim do século XIII, que retoma e amplifica o relato de Geoffrey de Vigeois, Henrique II teria cumprido o mesmo rito: [*Henricus*] *venit Lemovicis, ubi processionaliter receptus et annulo beate Valerie decoratus e civitate et sic fuit novus dux proclamatus*. (Bulletin de la Société archéologique du Limousin, XXXII, p. 141). Cf. RICHARD, A. **Histoire des comtes de Poitou. 778-1204**, t. II, Paris, 1903, pp. 113-114 e 151-152.

²⁰ *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum Bibliothecae Nationalis Parisiensis*, t. II, p. 2-5, cf. p.3: *Qui Leocadius cum uxore sua nomine Susanna, ab urbe Roma veniens, Lemoviam civitatem, quae primum tenebat super civitates Galliarum, constituit sibi sedem. Quem Galli principes ducem appellaverunt consuetudine linguae suae*.

²¹ Sobre a elaboração da tradição apostólica de São Marçal, cf., mais recentemente, LANDES, R. **Relics, Apocalypse, and the deceptions of history. Ademar de Chabannes, 989-1034**, Cambridge, Mass., Londres: Harvard University Press, 1995, p. 198.

²² GEOFFROY DE VIGEOIS, **Chronica**, éd. Ph. LABBE, op. cit. (ver n. 16), pp. 332-339.

²³ ROBERT DE THORIGNY, **Chronica**, MGH SS VI, p. 512: *Primus Ricardus dux Normannorum et secundus Ricardus filius eius, apud Fiscanum levati de tumulis suis, in quibus separatim iacebant, post altare sancte Trinitatis honestius ponuntur. Huic translationi Henricus rex Anglorum interfuit, et episcopi Normannie, et dedit illi ecclesie silvam de Hogis*.

²⁴ LANGFORS, A. (Ed.). **Histoire de l'abbaye de Fécamp**, em francês medieval, 1928, p. 227, v. 4956: *Des beax eulz qu'il out en sa teste / Plora le roi mont tendremet / Et mont des autres ensemment. / Pitié en out en son corage : / Descendu iert de lor lignage / Le gentil prinche debonaire*.

²⁵ BERGER, E. (Ed.). **Recueil des Actes de Henri II**, 1916, t. I, CCXXI et CCXXII, p. 358-360 ; également, la charte de donation du domaine de Hogues pour Pabbaye, CCXXIII, p. 360-361.

²⁶ Histoire de "abbaye de Fécamp", p. 225, v. 4904 sq.: *Cen dit li escrit ancien / Ke le cors de seint Flavien / Et de seint Contest ensemment, / Quil mont vesquirent seintement / Ke lor vie envers Dieu tornee, / Furent levez cele jornee ; p. 226, v. 4925 sq. : Le saint cors d'une Dieu espose, / Sainte Abbre, dont mont perillouse / Avoit jadis esté la vie, / Puis en fist Damledex s'amie, / Lés les autres cors sainz couchierent. / Omques autres mes n'i touchierent / Fors d'enwesque, pas ne lor grieve / Des beax os seinte Genevieve / Et d'une autre de grant merite, / Sainte Pardurable fu dite, / Ensemble o grant honor poserent*.

²⁷ Ibid., p. 229, v. 5015 sq.: *O tout cen por la compaignie / Des cors sains ne douterent mie / Li prelat que plus de legier / Nel les woille Dex alegier / De peinne se il i estoient / Ke | yglise fondee avoient*.

²⁸ Ibid., p. 224, v. 4853: *Ker il estoit coisin germain / Au roi Henri, le proz, le sage ; / |. des hommes de son lignage / Ert que le roi plus cherissoit*. ²⁹ Ibid., v. 5077 sq.

³⁰ Anteriormente à redescoberta da relíquia do Sangue Sagrado, uma tradição oral circulava atrelando a abadia à posse de uma relíquia do sangue de Cristo. Esta tradição atribui a Nicodemo o papel de ter transportado a relíquia contendo o sangue de Cristo da Palestina até Fécamp. cf. GOUTTEBROZE, Jean-Guy. **À l'origine du culte du Précieux Sang de Fécamp, le Saint Voulte de Lucques**. Tabularia [En ligne], Guillaume de Volp iano: Fécamp et l'histoire normande, mis en ligne le 10 juillet 2002, consulté le 19 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/tabularia/1676> ; DOI : 10.4000/tabularia.1676 (N.T.)

³⁰ H. OMONT, Invention du Précieux Sang dans l'église de l'abbaye de Fécamp au XIIe siècle, **Bulletin de la Société de Histoire de Normandie**, 12, 1913-1918, p. 52.

³¹ JOHN OF GLASTONBURY, **The Chronicle of Glastonbury Abbey**, éd.-trad., étude de J. P. CARLEY, The Boydell Press, 1985; - Ch. T. WOOD, *Fraud and its Consequences: Savaric of Bath and the Reform of Glastonbury*. In: RADFORD, C. A. R., ABRAMS, L., & CARLEY, J. P. **The Archaeology and History of Glastonbury Abbey**. Essays in honour of the ninetieth birthday of C. A. Raleigh Radford. Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press, p. 273-283. 30.

³² GIRAUD LE CAMBRIEN, **De principis instructione**, éd. J. S. BREWER et alii, Londres, 1861-91t (Rolls Series, 21), t. VI, p. 127-128 : *Cum quatem aliqua indicia corporis ibi inveniendi ex scripturis suis, aliqua ex litteris pyramidibus impressis, quanguam nimia plurimum antiquitate deletis, aliqua quoque per visiones et revelationes bonis viris et religiosis factas, maxime tamen et evidentissime rex Angliae Henricus secundus, sicut ab historico cantore Britone audierat antiquo, totum monachis indicavit, quod profunde, scilicet in terra per XVI pedes ad minus, corpus invenirent, et non [in] lapideo tumulo sed in quercu cavala*.

³³ WACE. **Roman de Brut**. In: BAUMGERTNER, E. **La geste du roi Arthur**. Paris, 1993 (coll.0/18, « Bibliothèque médiévale »), p. 2358-259: Arthur, si la geste ne menti, fud el cors nafrez mortelment ; en Avalon se fist porter, pur ses plaies mediciner. Encore i est, Bretun !'atendent sicum il dient e entendent de la vendra, encore puet vivre. Sobre o mito da sobrevivência de Arthur, cf. J.-Ch. CASSARD. Arthur est vivant! Jalons pour une enquête sur le messianisme royal au moyen âge. **Cahiers de Civilisation Médiévale**, 32, 1989, p. 135-146.

³⁴ GROSJEAN, P. (Ed.). De corpore sancti Petroci fur et restituto. « Vie et miracles de S. Petroc », **Analecia Bollandiana**, 74, 1956, p. 174-188, ici p. 178-179 : ... satagit persuadere ei sese in Britanniam sanctorum principem Cornubie secum attulisse ad comodum et ad cumulum honoris domini sui, comitis Britannie, eo quod Cornubia iuris eiusdem comitis essei, et ideo principem sanctorum patrie illius, sanctum videlicet Petrocum, in dicione prefati comitis, apud Sanctum Mevennum, venerabiliter conendasse, asserens magno opere, si corpus istud sanctissimi confessoris caute et diligenter custodiretur, quod tota Comubia in proximo comitatu Britannie domini sui, filii regis Anglie, subiceretur.

³⁵ 33. Ibid., p. 185-186.

³⁶ DOBLE, G. H. **The Saints of Cornwall**, t. IV, Oxford, 1965, p. 134 sq.

³⁷ **Annales Sancti Disibodi**, MGH SS XVII, p. 23: Marhildis regina in Angliam ad patrem proficiscitur, manum sancti Iacobi secum deferens ; per quod irreparabile dampnum regno Francorum intulit,

³⁸ KEMP, B. R. **Reading Abbey Cartularies**. Londres: Offices of the Royal Historical Society, University College of London, 1986, n° 5, p. 39-40 : Henricus rex Anglie et dux Normannie abbatu et conventui de Radingfia, salutem. Sciatis quod gloriosam manum sancti Iacobi apostoli quam Matillis imperatrix fila mea de Alemannia rediens mihi dedit ipsius petitione vobis transmittit et in perpetuum ecclesie de Radinglia] dono. Cf. aussi D. BETHELL, « The Making of a Twelfth-Century Relic Collection », *Studies of Church History*, 8, 1972, p. 61-72.

³⁹ **Reading Abbey Cartularies** (voir n. 36), n° 28, p. 56-57.

⁴⁰ RAHEWIN, Gesta Friderici I. **Imperatoris**, éd. G. WAITZ, Hanovre, 1884, p. 137 : De manu beati Iacobi, super qua nobis scripsistis, in ore magistri Heriberti et Wilhelmi clerici nostri verbum posuimus. Cf. LEYSER, K. J. Frederic Barbaross, Henry II and the hand of SL. James. In: **Medieval Germany and its Neighbours**. 900-1250, The Hambledon Press, p. 215-240.

⁴¹ **Reading Abbey Cartularies**, n° 46, p. 71-72,

⁴² ROGER DE WENDOVER, **Flores historiarum**, éd. G. HEWLETT, Londres, 1886 (Rolls Series 84/1), p. 269: suggestum est Regi Richardo quod naves ex Anglia venire consueverant apud S. Walericum, ad deferendum vicialia Regi Francorum et aliis inimicis suis. Facia itaque iluc equitatione, villam combussit, monachos destruxit, feretrum S. Walerici cum reliquiis in Normanniam transvexit. In portu autem illo naves ex Anglia invenit frumento et victualibus onustas, quarum naulas suspendi praecepit, navibusque combustis, victualia suis militibus erogavit. Cf. le même passage chez MATTHIEU PARIS, *Chronica majora*, éd. H. R. LUARD, Londres, 1874, (Rolls Series, 57), t. II, p. 440-441.

⁴³ Cf. FOREVILLE, R. Mort et survie de saint Thomas Becket. **Cahiers de Civilisation Médiévale**, 14, 1971, p. 21-38, que constata a grande concentração de dedicatórias ao mártir no ducado da Normandia, e destaca que "...são Thomas tornou-se muito cedo o patrono especial da monarquia inglesa. Sob seu título, seu culto permanece ligado até o fim da Idade Média à política normanda e francesa da coroa da Inglaterra"

⁴⁴ DE DICETO, R. **Ymagines Historiarum**, éd. W. STUBBS, Londres, 1868-1871 (Rolls Series, 68), 1. 1, p. 384 : Nam ipse die sabbati, qua indulgentiam sibi dari postulabat a martyre, sepulchrum martyris frequenter deosculans, tradidit Deus Willelmum regem Scottorum in manus suas, custodiae mancipatum apud Richemunt, ut adimpleretur illud propheticum 'Dabitur maxillis ejus fraenum quod in Armorico sinu fabricabitur' (prophétie de Merlin d'après Geoffroy de Monmouth VII, 3), ab Armorieis principibus et nunc et ab antiquis temporibus haereditario jure possessum ; ROGER DE WENDOVER, *Flores historiarum*, p. 100 : Orationibus igitur, vigiliis et jejuniis deditus usque in diem tertium ab alimentis abstinuit ; unde beatum martyrem sibi reddens placabilem, ipsa die sabbati, quo sibi ab eo indulgentiam dari postulabat, tradidit Deus regem Scotiae Willelmum in manus suas, apud Richemunt castellum custodiae mancipatum.

⁴⁵ DE DICETO, R loc. cit.: Ipsa edam die sabbati re x filius, navibus quas congregaverat ad transfretandum in Angliam dissipatis, coepit redire in Galliam ; DE WENDOVER, R. loc. cit. : Ipso edam die sabbati rex filius ejus, navibus, quas congregaverat ad transfretandum in Angliam, ut earn subjugarei, dissipatis penitus et fere submersis, coactus est ad Galliam redire.

⁴⁶ DE PONT-SAINTMAXENCE, G. **La Vie de Saint Thomas le martyr**, éd. E. WALBERG, Lund-LondresOxford-Paris-Leipzig, 1922, p. 205, v. 6061-6065 ; trad, en fr. moderne par J.-G. GOUTTEBROZE, A. QUEFFELEC, Paris, Champion, 1990, p. 158 : Desde que o Rei fez sua penitência,

Deus esqueceu sua fúria contra ele. Com efeito, no mesmo dia em que o rei reconheceu suas faltas, o conde de Flandres que queria exterminar completamente a Inflaterra se retirou do litoral da Mancha com o conjunto de suas tropas e, no dia seguinte, o rei da Escócia é feito prisioneiro.

⁴⁷ STUBBS, W (Ed.). **Gesta regis Henrici II**. Londres, 1867 (Rolls Series, 49), 1. I, p. 158.

⁴⁸ Sobre a importância política de Canterbury nos encontros políticos, cf. SWINARSKI, U. **Herrschen mit den Heiligen**. Kirchenbesuche, Pilgerfahrten und Heiligenverehrung friih- und hochmittelalterlicher Herrscher (ca. 500-1200), Bern: Peter Lang, 1991, p. 225-242.

⁴⁹ **Gesia regis Henrici** Lt. IL, p. 116-117; - DE WENDOVER, R. **Flores Historiarum**, p. 184-185 ; - PARIS, M. **Chronica majora**, 4. 1, p. 378-379.

⁵⁰ CAUDRON, S. Châsses reliquaires de Thomas Becket émaillées à Limoges: leur géographie historique, **Bulletin de la Société archéologique et historique du Limousin**, 121, 1993, p. 55-82.

⁵¹ GAUTHIER, M.-M. L'Espagne, reconquêtes et pèlerinages de l'Oeuvre de Limoges. In: **L'Oeuvre de Limoges**. Art et histoire au temps des Plantagenêts. Actes du colloque organisé au musée du Louvre par le Service culturel les 16 et 17 novembre 1995, sous la dir. de D. GABORIT-CHOPIN et E. TABURET-DELEHAYE, Paris, La Documentation française et Musée du Louvre, 1998, ici p. 399 : cf. aussi Valérie et Thomas Becket. De l'influence des princes Plantagenêt dans l'Oeuvre de Limoges [catalogue], Limoges, Musée Municipal de l'Évêché-Musée de "Email, 1999.

⁵² FUHRMANN, H.; MÜTHERICH, F. **Das Evangelium Heinrichs des Ersten und das mittelalterliche Herrscherbild**. Munich: Prestel-Verlag, 1986; OEXLE, O. G. Lignage et parenté, politique et religion dans la noblesse du XIIe s.: l'évangéliste de Henri de Lion. **Cahiers de Civilisation Médiévale**, 36, 1993, p. 339-354.

⁵³ HALLAM, E. M. Henri II, Richard I and the Order of Grandmont. **Journal of Medieval History**, 1, 1975, p. 165-186. Sur Grandmont, cf. também BECQUET, D. J. **Études grandmontaines**, Ussel, Musée du Pays d'Ussel. Paris: Bocard, 1998.

⁵⁴ STUBBS, E. (Ed.). **Gesta regis Henrici II** (voir n. 46), t. 1, p. 7: Et postea praecepit episcopis et comitibus et baronibus, qui in illa infirmitate assidebant, quod si illam non evasisset infirmitatem, corpus suum deferret ad sepeliendum apud Grandem Montem, qui parum distat a Sancto Leonardo. Et ipse ostendit eis quandam cartam, quam Boni-homines de Grandi-Monte ei fecerunt de corpore suo sepeliendo, in exitu capituli domus Grandis Montis, ad pedes magistri ejusdem domus, qui ibidem sepultus est. Cum autem haec audissent, vehementer mirati sunt, et hoc concedere noluerunt dicentes hoc esse contra dignitatem regni sui. Ipse vero magis ac magis instabat ut hoc fieret...

⁵⁵ STEPHANI. S. Relevatio. **AASS** Febr. II, p. 211.

⁵⁶ Cf. a contribuição de ANDRAULT-SCHMITT, C. no volume em que este artigo foi originalmente publicado.

⁵⁷ GAUTHIER, M.-M. **Catalogue international de l'oeuvre de Limoges**, t. I: L'époque romane, Paris: CNRS, 1987; - FRANCOIS-SOUCHAL, G. Les émaux de Grandmont au XIIe siècle. **Bulletin monumental**, 121, 1963. ⁵⁹ DE THORIGNY, R. **Chronica**, MGH SS, 6, p. 508.

⁵⁸ Notavelmente, apenas quatro anos antes da descoberta dos corpos de São Amador (Amator), devoto lendário da Virgem. Este evento foi relatado por DE THORIGNY, R. **Chronica** (voir n. 57), p. 248.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 519: Ad hunc ergo tocum, ut diximus, rex Henricus causa orationis veniens, quia appropinquabat terre inimicorum suorum, congregata multitudine armatorum tam equitum quam peditum, ad orationem perrexit munitus sicut ad prelium... Cf. aussi *Gesta Henrici II et Ricardi regum*, éd. W. STUBBS, t. 1], p. 7: ...et quam citius poterat sicut in illa infirmitate voverat, iter arripuit cum festinatione, circa festum Sancti Michaelis, ad Sanctam Mariam de Rupe Adamatoris.

⁶⁰ Cf. MASON, E. Rocamadour in Quercy above all other churches : the healing of Henri II. **Studies in Church History**, 19, 1982, p. 39-54.

⁶¹ DE THORIGNY, R. **Chronica** (voir n. 21), p. 513-514 : Circa octavas pasche rex Henricus fecit dedicari ecclesiam beate Marie de Radingis, et per tres dies regaliter procuravit conventum monachorum et hospites, data etiam dote non minima eidem ecclesie.

⁶² STUBBS, W. **Gesta regis Henrici II** (voir n. 46), t. IL, p. 175-177; - PARIS, M. **Chronica majora**, p. 301- 308.

⁶³ **Monasticon Anglicanum**, t. II, Londres, 1819, p. 186. ⁶⁶ De miraculis S. Frideswidae, **AASS** Oct, VIII, p. 569. ⁶⁷ De miraculis S. Frideswidae, **AASS** Oct, VIII, p. 569.

⁶⁴ **MGH Diplomata regum et imperatorum Germaniae**, X/2, n° 502, p. 432-433 : sedula petitione karissimi amici nostri Heinrici illustris regis Anglie...

⁶⁵ FOLZ, R. **Le souvenir et la légende de Charlemagne dans l'Empire germanique médiéval**. Paris: Belles Lettres, 1950, p. 197 sq.

⁶⁶ FOLZ, R. **Le souvenir et la légende de Charlemagne dans l'Empire germanique médiéval**. Paris: Belles Lettres, 1950, p. 197 sq.

⁶⁷ DE HOWEDEN, R. **Chronica**, ed. W. STUBBS, t. III, p. 182 (Rolls Series, 51): Et cum venissent usque Betenoble (Beit Nuba), rex cum guibusdam illorum fecit eguitationem ante Jerusalem ; et perrexit inde ad capellam Sancti Elyae, quae distat a Jerosolimis per tres leucas ; et invenit ibi crucem quandam de ligno Domini sigillatam infra murum capellae, quae vocabatur crux Syriorum, et asportavit eam, et rediit ad exercitum suum.

⁶⁸ AMBROISE, **L'Estoire de la guerre sainte**, v. 10089-10139, Paris: G. Paris, 1897, p. 270-271, 440-441.

⁶⁹ WENDOVER, R. **Flores Historiarum**, p. 202 : Collegerunt etiam omnes reliquias sanctorum, quas in locis sacrosantis poterant invenire, et posuerunt eas in quatuor magnis eburneis capsellis, quas Salaadinus inter caetera, quae civitate subacta occupaverat, intuens, et quid in eis contineretur, diligenter inguirens, jussit deferri apud Baldach et tradere Chaliphe, ne Christiani de ossibus mortuorum gloriarentur ulterius, et crederent eos habere intercessores in caelis, quorum ossa venerabantur in terris/...! quod gloriosus rex Anglorum Richardus, cum esset apud Furbie (probablement Herbia, entre Ascalon et Gaza), intelligens, et rem gestam ex ordine recognoscens, mox pecuniam praenominatam pro sanctis reliquiis Salaadino persolvit et sanciorum pignora devotus retinuit, quatinus sancii Dei, quorum ossa de manibus impiorum redemit in rerris, ipsi suis intercessionibus animae ejus subvenirent in caelis. Quaeliber autem capsella taniae capaciratis, tantaegue erar ponderositatis, ut vix a quatuor viris diwtius portaretur ; passagem contida em MATTHIEU PARIS, **Chronica majora** (voir n. 40), t. II, p. 378-379; trad. À, HUIILLARD-BREHOLLES, **Grande Chronique de Matthieu Paris**, Paris, 1840, L. IL, p. 171-173.

⁷⁰ LIBERMANN, F. (ed.) **Annales monasterii de Bello**, Ungedruckte Anglo-normannische Geschichisquellen, Strasbourg, 1879 (réimp. 1966), p. 55 : 1200. Odo abbas de Bello obiit. Cui successit Johannes kal. Maji. Rex Johannes dedit quandam particulam de sepulchro Domini ecclesie de Bello a fratre suo rege Ricardo cum dliis relliguiis delatam.